

*V*alentina



# Valentina

*Na câmara escura*

EVIE BLAKE



Título original em inglês: *Valentina and the dark room*

ISBN 978-0-7553-9887-4

Copyright © Noelle Harrison 2011

Inspirado na personagem Valentina, de Guido Crepax

Ilustrações Copyright © Guido Crepax, Crepax Estate. Todos os direitos reservados

Copyright © Luisa Mandelli, Antonio Giovanni Crepas, Caterina Crepas e Giacomo Emilio Crepas

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA

**Editora Europa**

Rua MMDC, 121  
São Paulo, SP



**Editor e Publisher** Aydano Roriz

**Diretor Executivo** Luiz Siqueira

**Diretor Editorial – livros** Mário Fittipaldi

**Tradução do original em inglês** Natalia Ferreira

**Revisão de Texto** Cátia de Almeida

**Edição de Arte** Jeff Silva

**Foto da capa** © Magone/Shutterstock

---

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blake, Evie

Valentina : na câmara escura / Evie Blake ;  
[tradução do original em inglês Natalia Ferreira]. -- São Paulo: Editora Europa, 2012

Título original: *Valentina and the dark room.*  
ISBN 978-85-7960-152-1

1. Ficção inglesa 2. Histórias eróticas  
3. Valentina (Personagem fictícia) I. Título

12-13148

CDD-823

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

**Atendimento ao Leitor** Fabiana Lopes – fabiana@europanet.com.br

**Livrarias** Flávia Pinheiro – flaviapinheiro@europanet.com.br

**Promoção** Aida Lima – aida@europanet.com.br

Este título também está disponível na versão de livro eletrônico.

*Para Barry, que é tudo para mim, e  
para a Valentina que temos dentro de nós*



# BELLE

NUA, ELA FOI carregada até a beira-mar. Colocaram seu corpo sobre a areia ainda quente do sol, seus pés de frente para o mar. Sentia as ondas batendo contra seus tornozelos, como um amante tocando seus dedos com beijos gelados.

Era uma noite sem lua, mas acesa por estrelas que brilhavam, pequenos pontos de esperança no céu, lágrimas dentro de seu coração. Estava tão escuro que ela não conseguia enxergar o rosto deles. Sentia como se escapasse do mundo real para outro universo. Um lugar habitado apenas por suas fantasias. Seus acompanhantes se tornaram algo mais do que meros homens. Eram criaturas das sombras pulsando em seu desejo, sua necessidade.

Estavam sob as estrelas, em campo aberto, mas a falta de luz era tamanha que poderiam estar numa caverna escura ou numa sala sem qualquer entrada de luz. Sentia uma ponta de medo, mas não o suficiente para querer parar. Uma outra personalidade estava prestes a explodir dentro dela.





# VALENTINA

VALENTINA LEVANTA O CORPO apoiada em seus cotovelos e contempla seu namorado, adormecido a seu lado. Já faz seis meses que decidiram morar juntos. Ela se inclina para o lado e enrosca os braços nas costas de Théo. Adora abraçá-lo enquanto ele dorme, quando não pode saber o quanto ela gosta dos dois juntos. E de todas as possibilidades que isso significa.

Carinhosamente, desliza os dedos pelas costas perfeitas de Théo e se permite um momento raro de pura afeição. Um gesto que tem o cuidado de jamais repetir quando ele está acordado.

Valentina examina sua pele branca de linho e a compara ao tom desbotado da pele de Théo Steen, avaliando o contraste perfeito entre seus corpos. Ela, pálida e de ossos leves e pequenos, como Louise Brooks, seu ícone de beleza. Ele, com a pele escura e quente, mais do que qualquer amante latino que já tenha passado por seus braços, e que ressalta o azul desconcertante dos olhos. Faria mais sentido se a pele dela fosse mais escura, pois era italiana. Théo era de Nova York, filho de imigrantes holandeses.

Ela não tem muitas informações sobre o passado dele, mas, do pouco que sabe, tudo indica que os dois viveram vidas muito diferentes. Théo ainda é muito próximo dos pais e, para Valentina, sua infância parecia ter sido encantada. Ele toca violoncelo, além de ser um cavaleiro e um espadachim excepcional. Fala uma miríade de idiomas. Poderia ter escolhido qualquer profissão que desejasse. Era um daqueles homens com grande potencial para

se tornar irritantes: um sujeito bem-sucedido, que não precisava se preocupar em ganhar a vida e, portanto, podia se dar ao luxo de se dedicar à sua paixão, a arte moderna. Em vez de ser despachado logo depois do primeiro encontro, aqui estava ele, deitado em sua cama, perdido na inocência do sono, bem ao seu lado. Estavam morando juntos.

Valentina olha para seu amante adormecido. Théo está deitado de bruços. Sua cabeça, virada para o outro lado. Ela imagina onde seus sonhos o estejam levando. Fantasia sobre a possibilidade de ele despertar com a memória do toque carinhoso sobre as suas costas. Na noite passada, ela quis tanto que ele gozasse, embora estranhamente não sentisse a necessidade de um orgasmo. Não, isso não era muito de seu feitio, não era nada Valentina. Tanto quanto não era típico dela não exigir sexo agora pela manhã. Será que com o tempo a paixão diminui? Quando não houvesse mais tesão entre os dois, o que sobraria? Estranhos antes de se encontrar e novamente estranhos ao se separar. Já teria chegado o tempo de acabar tudo? “Não, ainda não”, sussurra uma voz dentro de sua cabeça. Ela está entrando em pânico desnecessariamente. É tudo tão novo para ela; dividir a casa, a vida.

Nunca havia dividido seu apartamento com alguém antes dele. Não desde que sua mãe havia partido. Ainda a surpreende a facilidade com que tudo deu certo com a mudança de Théo. Mas, no fundo, sabe exatamente qual foi a motivação que permitiu a entrada dele em seu apartamento. Uma reação instintiva ao aviso deixado pela mãe: estaria sendo usada? Instintivamente, coloca essa ideia de lado. Théo hesitou muito antes de aceitar a proposta, perguntou muitas vezes se ela tinha certeza de que era isso mesmo o que queria. Definitivamente, há algo diferente com ele: já havia visto o pior dela e ainda não tinha ido embora.

Valentina enrola com força a ponta do lençol em volta de seu dedo, um anel de algodão branco que aperta sua carne com tanta força que a faz morder os lábios de dor. Apesar de sua vida tranqui-

la, ele não parecia achar que tudo estava garantido. Tentava agradá-la sempre que podia.

Ela volta a se deitar e sorri olhando para o teto, estudando cada brilho emitido pelo cristal de seu lustre, enquanto divaga sobre a noite passada. Cuidadosamente, molha os lábios com a língua e ainda consegue sentir o gosto de Théo neles. Ela ainda sente o gosto salgado de seu amante ao se lembrar de como o acariciou com sua boca. Ela o afastou, apesar da sua vontade de estar dentro dela, e não deixou que a tocasse. Queria que fosse só para ele. Então, continuou a saga: lambendo, provocando com os dentes, percorrendo tudo com sua língua enquanto apertava sua ereção aveludada com força dentro da boca. Ela precisava sentir sua entrega, sua vulnerabilidade. Sua força. Ela o levou ao limite.

Quando Théo gritou o nome dela, foi como se uma chama surgisse em seu coração, queimando e aquecendo ao mesmo tempo. Era uma sensação que misturava medo e satisfação. Como isso era possível? Normalmente ela não gostava que seus amantes falassem durante o sexo. Imagine então gritar... Sempre insistia no silêncio. Detestava falsas declarações de amor, nascidas no calor do momento. Mesmo assim, Théo a havia chamado e, em algum lugar de sua intimidade, ela havia respondido, ainda que não quisesse reconhecer. O gosto salgado permanecia em seus lábios. Não é de se admirar que tenha sonhado com o mar. Ela fecha os olhos e tenta expulsar imagens indesejáveis da cabeça, o sorriso sumindo dos lábios, mas as sensações descontraídas do sonho que tivera ressurgem. Mergulha cada vez mais fundo na água, sem conseguir emergir para a luz; vê a escuridão e o sufocamento.

— O que está acontecendo?

Ela abre os olhos. Théo está deitado de lado, sua cabeça apoiada na mão. Seus olhos azuis a tranquilizam.

— O que está acontecendo?

— Tive um pesadelo esta noite.

Ele a puxa para perto. Ela deixa que a abrace, que seus braços a envolvam. Volta a fechar os olhos e sente o queixo de Théo descansar sobre sua cabeça.

— Quer me contar? — pergunta, a voz abafada nos cabelos dela, mas Valentina não responde e Théo não insiste.

É tão boa a sensação de estar nos seus braços. Ela não quer arrastar os dois de volta para o mundo sombrio de seu pesadelo e estragar um dia novo em folha.

— Não — ela diz finalmente.

— Ok, querida.

Ele a beija na testa.

Palavras de carinho saem tão facilmente da sua boca... Seriam verdadeiras? Para ela é muito difícil fazer o mesmo. Querido, amor, docinho são palavras que, muitas vezes, ficam presas em sua garganta, mas jamais são pronunciadas. Querida... Essa palavra a toca em algum recanto profundo e ela se enrijece nos braços dele, querendo empurrá-lo para longe. Gentilmente, Théo desembaraça seu corpo do dela, como se sentisse sua necessidade de espaço.

— Vou fazer um chá — diz, saindo da cama, evitando cuidadosamente o contato com seus olhos.

Ela o observa em toda sua gloriosa nudez enquanto ele caminha para o outro lado do quarto. Apesar de vestir o roupão de seda dela, a peça só torna mais evidente sua masculinidade, enfatizando os contornos do seu corpo. Ela sente um arrepio logo abaixo do umbigo, profundo, cada vez mais profundo, enquanto o observa sair pela porta. Por que sentiu frio enquanto estava aninhada em seus braços? Agora, tudo que desejava era transar com ele.

Olha para o relógio. Já passa das sete. Deveria se levantar, estava cheia de coisas para fazer, mas não conseguia se obrigar a deixar o santuário em sua cama. Bocejando, ela se espreguiça esperando pelo chá que Théo está preparando. Que bom que não tinha estragado aquela manhã com seus temores.

Valentina não gosta do passado. Nunca entendeu a proposta de transparência completa de muitos relacionamentos contemporâneos. Essa necessidade de dragar cada pedaço de sua história pessoal, expô-la e esperar que seu parceiro faça o mesmo. Sempre se espantava ao constatar como muitas mulheres jovens tentavam manipular seus namorados apelando para isso. A última coisa que pretendia ser era uma vítima. Não, o melhor era nunca olhar para trás, deixar sempre um pouco de mistério não revelado. Ela acredita que cada um tem o direito de manter seus segredos para si. Esse sempre tinha sido seu lema. E mesmo assim...

Não consegue tirar da cabeça as palavras de Gina Faladi. Não que a jovem tivesse falado por mal, Gina é um doce de pessoa, embora submissa demais, na opinião de Valentina. Dava para perceber como deixava que seu namorado, Gregório, tomasse conta de tudo. Sabe lá Deus como ele seria entre quatro paredes. E, apesar dessa atitude submissa, era uma das melhores maquiadoras com quem Valentina já tinha trabalhado. Na semana passada, as duas tinham ido a Praga para uma sessão de fotos de moda para uma revista. Na volta, enquanto tomavam uma taça de vinho no avião, Gina fez a pergunta que Valentina não para de remoer.

“Para onde ele vai?”

Valentina começara a responder com a intenção de dizer que não tinha a menor ideia e que isso não tinha nenhuma importância, porque nem ela nem Théo eram ciumentos. Mas, ao ver as sobrancelhas de Gina se juntarem em questionamento, mudou de ideia.

“Vai trabalhar.”

Ela bebericou seu vinho.

“Vai a exposições, encontros com artistas, comprar obras de arte...”, ampliou a explicação, sem dar muitos detalhes. Era uma boa desculpa e, quem sabe, até a verdade. Mas o fato era que Valentina não tinha a menor ideia de por que seu amante desaparecia por dias seguidos uma vez por mês. Apesar das críticas

e resenhas e dos dois livros publicados antes mesmo de eles se conhecerem — um sobre o expressionismo alemão e outro sobre futurismo na Itália dos anos 1920 — não havia trabalho suficiente para justificar tantas viagens de um crítico de arte. E por que ele estava em Milão, afinal? Sua ocupação atual, professor convidado na universidade, não pagava bem. Com certeza, poderia conseguir uma posição melhor se voltasse para os Estados Unidos. Quando perguntou a Théo o que estava fazendo na Itália, ele evitou uma resposta objetiva, limitou-se a agitar os braços, como um verdadeiro italiano, e disse apenas que precisava estar ali agora. Todos os dias, ela esperava ouvi-lo dizer que precisava voltar para casa. Mas ele já estava em Milão há quase um ano quando se conheceram. No começo, Valentina não se importava com as viagens de Théo. Na verdade, durante os primeiros meses em que estavam vivendo juntos, ela secretamente comemorava suas partidas. Não tinha completa certeza de que queria morar com ele e às vezes, culpava as palavras de sua mãe pela decisão.

“Não deixe que a domine; isso é tudo o que eles querem. E, pelo amor de Deus, não vá morar com ele!”

Como sempre, sua mãe tinha conseguido acabar com suas expectativas. Por que insistia em procurá-la? Valentina viveu numa espécie de frenesi depois das primeiras semanas excitantes ao lado de Théo e teve a péssima ideia de se abrir com a mãe. Chegou até a esperar ansiosamente a melhor hora de ligar para os Estados Unidos, onde morava.

Devia ter ouvido sua intuição. Em vez de ficar feliz, imediatamente sua mãe apontava tudo o que poderia dar errado, numa enxurrada de negatividade. “Valentina!”, tinha avisado. “Você e eu... Não somos capazes de nos entregar completamente a um único homem. Precisamos de espaço. Aprendi isso da pior maneira. Não apresse as coisas.”

Aquelas palavras enfureceram Valentina. Definitivamente, era uma mulher totalmente diferente de sua mãe, a quem considera-

va uma mulher fútil, autocentrada e que necessitava de atenção constante. Incapaz de dividir o que quer que fosse com alguém, até mesmo com os próprios filhos. Valentina precisava provar que a mãe estava errada. Foi assim, para completa surpresa de Théo, que o convidou para dividir o mesmo teto. Por que não? O proprietário do lugar onde ele vivia havia pedido o imóvel e ele precisava se mudar. O apartamento dela era enorme e não lhe custava nada, já que pertencia à sua mãe. Seriam colegas de quarto que transavam, ela explicou para ele. A incongruência de seu convite fez com que ele caísse na risada, chamando-a de louca. Mesmo assim, aceitou.

Se realmente quisesse ser honesta consigo mesma, Valentina teria de admitir que temia que a mãe tivesse razão. Achava difícil fazer concessões. Embora as brigas entre os dois fossem raras e seus gostos para música, comida e arte serem semelhantes, as pequenezas, as minúsculas coisas do dia a dia, a incomodavam. Ela gostava da porta do quarto aberta durante a noite e de uma luz acesa no corredor, enquanto Théo preferia a escuridão completa e a porta fechada. Ela trabalhava em silêncio. Ele preferia ouvir música. Geralmente escolhia trilhas de que os dois gostavam, mas às vezes selecionava músicas de bandas dos anos 1980 que a mãe dela adorava, como Joy Division ou The Cure, sempre alto demais. Tão alto que ela podia ouvir ainda que estivesse fechada na câmara escura ampliando fotos. Essa perturbação sempre fazia com que ela rangesse os dentes. Às vezes, ele falava demais. Sempre tomando cuidado para não revelar muito sobre sua vida ou insistir demais em perguntas sobre a mãe dela (uma armadilha na qual outros amantes caíam e que fazia com que ela os dispensasse), ele era obcecado por discutir, debater, trocar pontos de vista.

O tema poderia variar entre uma exposição ou um filme que tivessem visto, o tipo de debate que ela apreciava. Mas Théo também adorava discutir questões cotidianas e falar sobre temas como economia ou história. O tempo todo ele a crivava de

perguntas sobre a política italiana. O que as pessoas achavam de Mussolini hoje? O que havia acontecido à família dela durante Segunda Grande Guerra? Valentina não tinha interesse nenhum nesses assuntos. Já havia se fartado de ouvir sobre política quando era criança. As histórias que sua mãe lhe contava eram todas sobre o que tinha acontecido à sua família antifascista durante a Guerra. E isso já bastava para sua vida toda. Tanto que não suportava as discussões de seu irmão Mattia com sua mãe. Nas raras vezes em que ela os encontrava, debatiam e debatiam sobre os certos e os errados do comunismo. Às vezes ela culpava esses choques de visões políticas pela partida do pai, há muitos anos.

Valentina não gosta de idealistas. Aqueles que negligenciam as próprias famílias para salvar o mundo. Théo parecia mais pragmático. E como poderia ser diferente com a criação americana que teve? Mas, quando começava a falar sobre o mundo e a esperança de que as coisas mudassem, deixava-a irritada. Será que ele percebia as linhas duras que se formavam ao redor de sua boca, e como suas mandíbulas ficavam tensas quando ele exigia ouvir sua opinião sobre esses temas? Não podia ser coincidência que, no dia seguinte a um desses debates tensos, ele anunciasse uma viagem, como se percebesse que ela precisava ficar sozinha.

Valentina estava acostumada a ficar só. Foi criada como se fosse filha única, já que Mattia tinha sido mandado para um internato logo depois de seu nascimento. Na ocasião, ela estava entrando na adolescência — estava com 13 anos, e já não via o pai desde os seis. Mesmo Mattia dizia não conhecê-lo de verdade. Portanto, eram apenas ela e a mãe, que a ensinou desde cedo a ser auto-suficiente. Quando era muito jovem, sua mãe a levava em seus próprios ensaios fotográficos e Valentina aprendeu a se ocupar com os livros. Era uma leitora ávida.

Aos 12 anos, sua mãe a deixou em Milão e se mudou para os Estados Unidos. A desculpa era não interromper a escola da menina, mas Valentina suspeitava que ela não queria a filha



adolescente atrapalhando sua vida. Os homens amavam Tina Rosselli, ela era um ícone em seu universo de estilo e *glamour*. É preciso dizer que sua mãe nunca escondeu a idade, mas andar acompanhada por uma versão mais jovem dela mesma era demais para sua vaidade. Por isso, aos 13 anos Valentina podia passar uma semana inteira sozinha em seu apartamento, sem outra companhia além do gato Tash. Ela se lembrava de uma ocasião em que tinha convidado a amiga Gaby para ir à sua casa depois da aula e de ver o espanto estampado no rosto dela, quando ficou claro que Valentina tinha ficado sozinha a semana inteira, algo que procurava não contar para ninguém enquanto estava na escola.

— Mas quem toma conta de você? — Gaby perguntou, de olhos arregalados, repletos de pena.

— Não preciso que ninguém tome conta de mim — Valentina respondeu, arrogante.

— Você faz tudo sozinha? E suas roupas, quem lava?

Valentina tomou consciência de seu uniforme amarrotado. As freiras sempre brigavam com ela por causa de suas roupas desleixadas. Uma crítica que ela evitava transferir para sua mãe, que tinha orgulho de sua própria aparência e da de sua filha. Tina sempre havia recomendado que Valentina andasse perfeitamente vestida. Para ela, isso era mais importante do que comida.

— Não ligo para minha aparência — respondeu sem parecer dar grande atenção à pergunta. — É só roupa de escola.

Gaby havia pendurado a mochila nas costas de uma cadeira. A mesa estava cheia de lixo, de restos de comida e de louça suja.

— Você cozinha? — ela perguntou.

— Mais ou menos — respondeu Valentina, abrindo a geladeira e conferindo, meio sem jeito e se achando adulta, o conteúdo.

— Você está com fome?

— Sempre! — sorriu Gaby. — Vamos comer bobagem? Eu vou dar uma corrida até a padaria enquanto você cozinha.

Valentina largou o corpo contra a porta da geladeira e continuou a olhar desalentada para seu conteúdo. Um pote de *pesto*, um pedaço de queijo parmesão e uma embalagem de *rigatoni*. E isso era tudo. Gaby juntou-se a ela na frente da geladeira. Passou o braço pela cintura da amiga quando viu os poucos ingredientes.

— Só tem isso? — perguntou horrorizada, baixinho.

Valentina não respondeu. Enxergava as poucas caixas e potes ali dentro com os olhos de sua amiga. E sentiu muita vergonha de sua mãe.

— Minha mãe não dá muita bola para comida...

Gaby apertou-a pela cintura.

— Eu posso cozinhar algo para você. Minha mãe me ensinou.

Valentina mordeu os lábios. Amava sua amiga Gaby, mas às vezes também sentia muita inveja dela. A mãe de Gaby era uma daquelas típicas mães italianas, uma autêntica *mamma*. Gordinha, carinhosa, sempre tentando enfiar comida pela sua boca. Era exatamente por isso, reclamava Gaby, que ela era cheinha. Apesar disso, Valentina admirava as curvas da amiga e seu corpo apetitoso. Valentina era mais alta e esguia, não tinha curvas. E sua mãe nunca quis ensiná-la a cozinhar.

— Ok, vou à padaria e trago uns doces para nós — Valentina ofereceu-se.

— Traga muitos, uns quatro de cada tipo! — Gaby gritou antes que a amiga saísse pela porta.

Gaby sabia mesmo cozinhar. Ela preparou um lindo prato de *rigatoni* ao *pesto* de tomate (onde encontrou aquilo no meio da bagunça dos armários?). Quando Valentina voltou com os doces, a amiga já tinha varrido o chão, lavado a louça e limpado a mesa. Ficou admirada. O desejo de Gaby de tomar conta dela a espantava, porque sabia que não faria o mesmo pela amiga.

— Você não se sente solitária? — Gaby perguntou enquanto Valentina limpava o prato, lambendo a colher com apetite.

— Nunca! — respondeu Valentina, se encostando na cadeira e

apreciando a rara sensação de ter a barriga cheia. — Adoro ficar sozinha. Mas não acharia ruim se você se tornasse minha cozinheira!

Aquele desejo de ficar sozinha nunca a havia abandonado. Até ouvir as palavras fatais de Gina, Valentina ansiava pelas ausências temporárias de Théo. Apenas dois, no máximo três dias. Era o suficiente para ela se reabastecer de sua solidão e sentir falta dele. Mas não era tempo suficiente para se preocupar sobre seu paradeiro ou sobre o que ele estava fazendo. O fato de ele nunca ter oferecido nenhuma explicação, nenhuma informação sobre onde ia e o que fazia demonstrava que acreditava que os dois estavam acima de questões de posse com as quais outros casais poderiam se preocupar. Antes de serem amantes, eram duas pessoas que dividiam um apartamento. Théo nunca perguntava o que ela estava fazendo.

Valentina se levantou da cama e abriu as cortinas e a veneziana. O ar frio de outono a deixou gelada. Apesar de sua pele se arrepiar com o frio, ela gosta de ficar nua. Fecha os olhos e sente o vento como se fosse uma mão acariciando seu corpo, desde sua testa, tocando suas bochechas e descendo pelo pescoço, passando por sua garganta e seu peito. Sente os mamilos enrijecerem quando a temperatura cai dentro do quarto, enquanto o vento lambe a parte interna de suas pernas. Escuta o barulho constante do tráfego em Milão, o coração da cidade batendo, mas mesmo assim consegue extrair um pouco de paz daquilo tudo. Cria imagens aleatórias de tranquilidade: uma pomba voando dos claustros de Santo Ambrósio, um barco navegando pelo Canal Navigli, um balanço empurrado solitário pelo vento no Parque Sempione. Sente o aroma das folhas amareladas do outono na Via de Amicis. Gosta desta época do ano em Milão. A cidade parece finalmente ter se refrescado depois de um verão muito abafado e úmido. Agosto podia ser um verdadeiro pesadelo, quarenta graus, mas com céu cinza-chumbo, pesado de umidade. Todos os que podiam partiam. Ela e Théo tinham fugido para a Sardenha por três

semanas. Apesar do calor, a brisa do mar circulava e resfriava o ar opressivo na ilha.

Ao abrir os olhos, ela sente saudades da Sardenha, de estar do lado de fora de casa, nua na areia quente, sentindo a brisa do mar envolvê-la. Imagina-se flutuando na água, leve, enquanto caminha pelo quarto e sente o peso de sua nudez no apartamento. Repara em sua bunda ao passar em frente ao espelho. Os homens sempre gostaram da sua bunda. Ela detesta ver outras mulheres envergonhadas com o próprio corpo. Lutando para se enfiar dentro de maiôs, escondidas atrás de toalhas de praia, desconfortáveis com seus contornos e constrangidas ao experimentar roupas nos provadores. Será que não conseguem enxergar o quanto são bonitas, em toda sua diversidade e contornos curvilíneos, com sua pele aveludada, seios de todas as formas e tamanhos, na maciez do ventre e nos quadris largos, voluptuosos? As únicas outras mulheres que conhecia que eram, como ela, tranquilas sobre a própria nudez, eram as modelos que fotografava. Mas eram garotas magras como palitos, que estavam longe de ter qualquer autopercepção de seu corpo.

Às vezes, quando encontra modelos que são obviamente anóxicas, fica tensa, quase irritada. E ela, seus amigos podem confirmar, é uma pessoa bastante liberal, que evita julgar os outros. Mas a anorexia ressuscita fantasmas antigos em Valentina. Imagens de sua mãe que ela prefere esquecer.

Quando Théo volta com uma bandeja de chá, Valentina está novamente acomodada, sentada, esperando, com um travesseiro entre suas costas e a cabeceira de ferro da cama. Esta é uma das vantagens de morar com alguém. Só por preparar um bule de chá, Théo faz com que ela se sinta cuidada, preciosa. Ele coloca a bandeja com cuidado no meio da cama e se senta ao lado dela:

— Você serve?

Isso a faz sorrir. Imagina que a última coisa que sua mãe faria seria servir uma xícara de chá a alguém.

— Claro — ela responde, olhando por baixo dos seus longos cílios. — Como você sabe, algumas vezes gosto de ter o controle das coisas.

Ele ri de volta, divertido, enquanto ela pega o bule e começa a colocar o chá em uma das xícaras. Théo se inclina e segura seus seios com as mãos.

— Não quero minha propriedade queimada com pingos de chá quente — ele explica, piscando em seguida.

Ela o afasta, desdenhando, embora tenha gostado do toque. E se encosta novamente no travesseiro, segurando a xícara entre as mãos, pensando se os dois já formavam a imagem de um velho casal, sentados lado a lado com suas xícaras de chá de manhã. Bem, pelo menos estavam nus, pensou, confortando-se.

— Você está bem agora? — ele pergunta.

Valentina faz que sim com a cabeça enquanto toma um gole do chá. O líquido quente a tranquilizou, fazendo-a esquecer a sensação ruim do pesadelo. Théo coloca sua xícara sobre o criado-mudo ao lado da cama, se inclina e a beija no pescoço, logo abaixo da orelha. O coração dela acelera.

— Tenho de pedir algo a você — sussurra ele, seu hálito levantando os cabelos do corpo dela.

Involuntariamente, ela sente seu corpo se enrijecer. Não, não agora. Não quer falar sobre esse assunto nesta manhã.

— Tenho de me levantar. Quero revelar algumas fotos antes de ir para a próxima sessão.

Ela tenta se esquivar enquanto pouisa a xícara de volta na bandeja.

— É só um pedido pequeno, Valentina, não se preocupe — diz Théo.

Ela vê que Théo está sorrindo para ela, se divertindo.

Será que está rindo dela?

— Então diga logo.

— Meus pais estão vindo para a Europa. Vão para Amsterdã primeiro, visitar alguns parentes, mas querem vir me ver... nos ver... aqui em Milão.

— Eles sabem sobre mim?

— É claro que sabem sobre você! — Théo ri de seu espanto. — Nós estamos morando juntos há quase um ano, Valentina. Estão doidos para conhecê-la.

Ela olha horrorizada para Théo. Está completamente relaxado, como se estivesse falando de algo realmente pequeno. Como se a vinda de seus pais para Milão fosse algo simples. Como se também não fosse nada de mais ele querer que ela conheça seus pais. Ela fica com a boca seca por alguns minutos, incapaz de responder.

— Eles só chegarão no fim de novembro — ele continua. — Sei que está longe ainda, mas quis avisá-la o quanto antes — diz ele, hesitante e já notando o choque no rosto dela. — Eu sei que você não gosta muito de assuntos de família.

Ela sacode a cabeça com veemência.

— Não, Théo, desculpe-me, mas não posso conhecer seus pais.

— O quê?

Ele fica chocado com a resposta.

— Eu disse a você antes. Sou assim — diz com com firmeza, jogando as cobertas para longe e tentando sair da cama. Mas Théo a segura pelo braço.

— Valentina... —, diz com suavidade. — Não há nada com que se preocupar. Eles são boas pessoas. Falei muito sobre você e só querem conhecê-la.

Ela sacode a cabeça com força.

— Você falou de mim para eles?! — sibila.

— É claro que falei. Você é minha namorada... — Théo parece magoado.

— É a primeira vez que ouço isso —, ela responde, com certa dose de crueldade.

Ele franze a testa, confuso.

— Bem, e o que você é então, senão minha namorada? Moramos juntos. Já passamos por...

— Não fale... Já pedi a você para não mencionar isso de novo.

— Mas, Valentina...

Ela levanta as mãos e o impede de falar.

— Sou sua amante, Théo. E esse papel é um pouco diferente do de uma namorada. Sermos namorados implica termos um relacionamento sólido, com um possível futuro. Amantes são transitórios. É uma condição temporária.

— Meu Deus, Valentina! — Théo diz exasperado. — Você é uma mulher intratável.

— Lembre-se, Théo — ela avisa com calma, e essa calma traz uma sensação boa, de controle. — Quando você se mudou para cá, eu disse que era uma decisão boa para nós dois. Esse acordo servia a nós dois. Mas eu também disse que não duraria para sempre, lembra?

Ela escuta o som da própria voz como se fosse a voz de uma outra pessoa e tem a lembrança desagradável de ouvir sua mãe falando. “Não o deixe possuir você.”

— Valentina, não estou pedindo que assuma nenhum compromisso comigo. Eles são os meus pais. Eu gostaria que você os conhecesse, é só isso.

— Desculpe-me, Théo — ela responde, levantando-se e olhando para baixo para encará-lo. — Eu não quero. Eles podem ficar aqui com você e eu saio. É muito melhor desse jeito.

Ela a avalia de cima a baixo, incapaz de acreditar no que ouviu. Seu olhar faz com que os mamilos dela se retesem. Ela repara na reação de Théo ao corpo nu dela.

— Não é melhor assim — Théo contrapõe suavemente, suplicando a ela com seus olhos azuis.

Uma parte dela quer ceder e atender ao pedido, voltar para a cama, se aninhar nos braços dele e concordar com o que quer

que ele esteja dizendo. Mas o medo a domina. Não suporta a ideia de conhecer os pais dele. Isso o traz para muito perto e, ao mesmo tempo, a leva para muito perto do mundo dele. Se isso acontecer, como ela vai encontrar o caminho de volta para seu próprio mundo quando tudo acabar? Porque é certo que vai acabar um dia. Nada dura para sempre. Ela suspira e se vira para não ter de continuar a encará-lo, pega o roupão jogado no chão e veste, tentando amarrá-lo à cintura.

— Não posso falar sobre isso agora, tenho de me arrumar. Tenho muita coisa para fazer hoje.

Ela se aproxima da penteadeira e pega uma escova. Apática, começa a pentear o cabelo curto, preto e brilhante. Observa Théo se levantar da cama, ainda desconcertado e derrotado pela conversa. Sentindo-se culpada, ela decide que é hora de mudar de assunto e tenta animá-lo.

— Quer ir à exposição de Isabella hoje à noite? — pergunta, enfim, tentando parecer entusiasmada.

Théo para no meio do quarto com a toalha nas mãos.

— Não posso, vou ter de me ausentar. Tenho outro trabalho.

— Outra vez?

As palavras escapam de sua boca. Valentina se sente morrer. Gostaria de poder não as ter dito. Vira-se rapidamente, mas pode ver o rosto dele no espelho à sua frente. Ele sustenta uma expressão impassível.

— Não quer que eu vá? — pergunta.

Ela recua furiosamente.

— Não é isso! Claro que eu não me importo. Só fiquei surpresa. Não sabia que você ia viajar hoje. — Sua voz falha e ela se sente uma tola, exposta.

— Você quer que eu cancele? — ele pergunta, encostado contra o batente da porta, olhando com interesse.

— Não. Claro que não — retruca Valentina, agressiva. — Só estou imaginando aonde você vai, nada de mais.



Ela tenta se mostrar indiferente, como se estivesse mais interessada em pentear o cabelo.

— Tem certeza de que não prefere que eu fique?— ele insiste.

Ela sente a intensidade do seu olhar, embora ainda se recuse a olhá-lo nos olhos.

— Já disse que não. Não me importo nem um pouco — ela tenta, com rispidez, encerrar o assunto. — Estava curiosa, só isso.

Théo deixa a toalha cair e fica em pé atrás dela. Ele se inclina e acaricia sua mão. Ela sente a ereção dele contra suas costas cobertas pela seda do roupão. Sabe que está tentando excitá-la e fazê-la virar-se e tocá-lo. Ela resiste.

— Sempre achei que você não se interessava em saber nada sobre onde eu vou ou o que faço — ele comenta, com calma.

— E você tem razão. Não sei por que perguntei. Gosto de mistérios. — Agora ela tenta dar leveza à conversa. — Impede que as coisas caiam na rotina.

— Certo.

Ele a gira no banco e sorri, como se soubesse de algo que ela não sabe.

— O quê?

Ela aperta a barriga dele com um dedo. Sua musculatura é tão firme que não cede à pressão. Que crítico de arte tem um abdômen desses?

— Tenho um presente para você — diz Théo. — Acho que vai ajudá-la a não sentir tédio enquanto eu estiver viajando.

— Vai? — ela pergunta com a voz um pouco rouca, esticando os braços para tocá-lo.

“Ainda dá tempo para uma última transa antes de começar a trabalhar”, ela pensa. Está morrendo para sentir Théo dentro dela mais uma vez. A conversa desta manhã a deixou desestruturada e nada como uma boa trepada para acalmá-la. Quando a ponta dos seus dedos está quase alcançando o corpo dele, Théo dá um passo para trás e sacode a cabeça, olhando para ela.

— Calma, Valentina — ele se esquivava, atravessando o quarto até chegar ao armário. — Paciência.

Ele abre o armário, pega um grande pacote e o coloca na penteadeira, bem à frente dela.

— Por que me comprou um presente? — ela pergunta, no momento em que os olhos dos dois se encontram no espelho.

Ele hesita por um instante, mas sustenta seu olhar, bastante expressivo, com palavras que ela não quer entender. Valentina baixa os olhos.

— Porque acho que é hora de você tê-lo.

Então não é algo que queira ou algo de que realmente precise. Por que ele está sendo tão estúpido? Ela começa a abrir o pacote, mas Théo coloca suas mãos sobre as dela e a segura pelos pulsos. Ela olha de volta para o reflexo dele no espelho. Aqueles olhos... Quando seu olhar se prende ao olhar glacial de Théo, aos seus olhos nórdicos, ela sente como se o tempo tivesse parado e só por esta vez, deseja saber quais são os mistérios guardados neles. Ela vê o seu reflexo, pequeno e nu, um pontinho desenhado nas pupilas dele.

— Mais tarde — ele diz, puxando-a do banco. — Abra depois que eu sair.

Ele a beija e Valentina sucumbe à sua boca. As mãos dele começam a desfazer o nó da faixa que prende o roupão em torno do corpo dela e o empurram pelos seus ombros, até que caia no chão. Toca a sua pélvis com o pênis ereto. Agora, ela o deseja dentro de si. Fica em pé na ponta dos pés e passa uma das pernas em volta dele. Ele está quase sem fôlego quando a levanta e a penetra.

— Valentina — ele murmura. — Minha Valentina...

— Psiu! — Ela coloca seu dedo sobre os lábios, implorando por silêncio.

Ele a leva para a cama, ainda enrolada à sua volta, e vai cada vez mais fundo dentro dela. Caem enlaçados sobre o colchão, como se fossem um, e ela o aperta com força, com urgência,

incitando-o a ir mais rápido e mais forte. Ele se ergue sobre ela, segurando suas duas mãos e as levanta sobre sua cabeça. Está completamente envolvida em prazer. Ele alterna movimentos exasperadamente lentos e a surpreende com arremetidas mais fortes, que a fazem perder momentaneamente o fôlego. Ela se junta a ele com toda sua força, movendo-se contra ele, até que se tornem uma entidade única pulsando forte. Fecha os olhos, relaxada afinal. É disso que ela precisa, do completo abandono de si mesma. Ela é toda sensação, seu corpo no comando, sem pensamentos para atrapalhar. Théo a toca fundo, como só ele sabe fazer, e ela começa a pulsar ainda mais forte em volta dele. Sente-se como se fosse tomada por ondas na água, aumentando e diminuindo de intensidade em direção a um vórtice bem ali, no meio dela. Gozam juntos. Ela tem a sensação de ser arrastada pela águas, como se sua própria cama fosse o fundo do oceano. A água está escura.

Théo a abriga em seus braços. Valentina sabe que precisa se levantar, que está atrasada para trabalhar, mas fica paralisada, presa nos braços do amante.

— Valentina? — ele sussurra em seu ouvido.

— Não fale — ela suplica — Não estrague nossa paz.

Ele a ignora.

— Valentina, por favor, quer ser minha namorada?

Ela não responde.

— Valentina, quero que sejamos mais do que amantes. Mais do que duas pessoas que dividem um apartamento.

Ela se volta para encará-lo.

— Não, Théo. Eu não quero.

— Você tem certeza?

Ela acena com a cabeça, dizendo que sim. O semblante dele fica tão triste que ela quase muda de ideia.

Mas para quê? Ela sabe que não foi feita para ser namorada de ninguém.

Tenta consolá-lo com seu corpo. Coloca as mãos sobre seu torso e enrola os dedos nos pelos do seu peito, puxando-os. Lambe os dedos e volta para o peito dele, beliscando os mamilos. Ele apenas a observa, sem falar. O corpo dele também não deseja responder a ela; então ele afasta as mãos dela.

— Por que não? — ele pergunta, olhando-a fixamente com seus olhos azuis. — Não quero que você deixe de ser quem é. Só quero poder chamá-la de namorada.

— Théo... Não posso... Você sabe disso... Eu disse antes de ficarmos juntos...

Suas palavras são inadequadas como resposta. Saem atropeladamente de sua boca. Ela puxa suas mãos das mãos dele.

— Você pode pelo menos pensar sobre o assunto? Só tentar, Valentina?

Ela tem vontade de gritar para ele que não adiantaria nada. Que ela não pode se apaixonar por ele. Mas não o faz. Concorde em pensar sobre o pedido. E o deixa ir cheio de esperança. Isso não é justo.

Agora é muito tarde, ele partiu outra vez. Ela não tem ideia para onde, só imagina que seja algum lugar frio porque pegou um casaco pesado e sapatos quentes para a neve. “Você quer ser minha namorada?” Não, nunca poderia ser namorada dele. Por que ele não pode simplesmente deixar as coisas como estão? Casuais, divertidas, *sexy*. Mas ela suspeita que morar com alguém nunca é algo casual. Será que foi tola de permitir que um homem se mudasse para sua casa?

E por que ele quer qualquer tipo de compromisso? Ela não quer vê-lo ir embora, mas não pode dar o que ele quer. “Talvez mamãe tivesse razão, afinal de contas”, pensa com amargura. Talvez as

duas realmente sejam parecidas. Inconstantes, borboleteando de homem em homem.

Valentina tenta afastar esses pensamentos de sua cabeça e pega o pacote em sua penteadeira. É surpreendentemente pesado, então ela o coloca de volta. É um embrulho feito em papel pardo, comum, desses de embalar encomendas, e amarrado com barbante. Sem um cartão, um carimbo ou uma etiqueta. Ela está curiosa: o que pode ser? Torce para que não seja nenhum grande gesto romântico. Ah, Deus. E se for algum tipo de pista para um pedido de casamento? A ideia a aterroriza. Nunca vai querer se casar.

Ela dá um passo para trás e encara o pacote, sem ter certeza de que está preparada para ver o que está ali dentro, mas sente que é algo importante. Caminha em direção ao banheiro e liga o chuveiro. Enquanto a água quente cai sobre suas costas, seu ventre, suas coxas, abre a boca e deixa a água escorrer entre os lábios. Tenta se desfazer da ansiedade, esquecer-se do olhar de Théo antes de sair. Por que todos os seus amantes querem enjaulá-la? Ela esperava que Théo fosse diferente. Deu tanto espaço para ele em sua vida e ainda não está satisfeito. O que a aborrece ainda mais é perceber o quanto as excursões misteriosas dele a estão perturbando cada vez mais. Às vezes, ela se pega acordando no meio da noite, angustiada, pensando se ele está bem. Sempre chega perto de mandar uma mensagem e, só no último segundo consegue se controlar. A regra é nunca entrar em contato quando o outro está fora. A última coisa que ela quer é se tornar carente.

Valentina está vestindo meias finas quando a curiosidade vence sua resistência. Ela tem que saber. Pega o pacote vestida apenas com sua tanga e uma meia. Aperta-o e tenta adivinhar seu peso, balançando-o. É grande demais para ser uma aliança, graças a Deus. Poderia ser um livro ou uma ampliação em um porta-retrato. Desfaz o nó do barbante, o que leva tempo, porque está bem apertado. Típico de Théo. Então, vagarosamente, rasga o papel e o joga no chão, aos seus pés.

Ela encontra um livro de capa preta. Olhando melhor, parece um álbum, antigo, encadernado com uma espécie de veludo, tão gasto que perdeu o brilho. Quando o abre, um forte cheiro de rosas a atinge em cheio, doce e decadente. Ela se senta na cama, surpresa. Estranho. O presente é uma charada. Junto da primeira página, ela encontra um negativo e sabe que é antigo porque é maior do que os atuais. Também porque tem as bordas levemente amareladas. Está preso à página, grossa como um papelão, por um pedacinho de fita adesiva, que ela consegue soltar com facilidade. Ela o remove e o segura contra a luz, mas é impossível decifrar a imagem. Vira a página para conferir se há outros negativos. Todas trazem negativos. Sem palavras ou fotos. Sem explicação. Ela fica irritada e joga o livro sobre a cama. Que tipo de presente é este, Valentina?

“Não é o tipo comum.”

Ela consegue escutar a voz de Théo em sua cabeça. Sente-se mais segura. Pega um dos negativos que tirou do álbum. É mais do que um presente, pensa, é um jogo. Um arrepio de excitação percorre seu estômago. Théo está jogando com ela, dando-lhe pequenos fragmentos... de quê? Dele, dela, do mistério sobre ele? Isso é divertido e definitivamente não é um pedido de casamento, nem tem nada a ver com romance. Delicadamente, ela deposita o negativo sobre a escrivinha. Veste a outra meia. Mal pode esperar para entrar em seu quarto escuro e fazer a ampliação para descobrir a primeira pista do quebra-cabeça proposto pelo amante.